

## Eucaristia: Jesus a instituiu?

Para justificar a eucaristia pegam o momento em que Jesus, ceando com os seus apóstolos, distribuiu o pão e o vinho. Fato acontecido, segundo alguns, na sexta-feira anterior à da sua crucificação.

Vamos iniciar nossa análise comparando as passagens bíblicas que narram a ocasião considerada como sendo a instituição da eucaristia para, com isso, termos uma visão do assunto.

Mt 26,26-29: *"Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu aos discípulos, e disse: 'homem e comam, isto é o meu corpo'. Em seguida, tomou um cálice, agradeceu, e deu a eles dizendo: 'Bebam dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é **derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados**. Eu lhes digo: de hoje em diante não beberei desse fruto da videira, até o dia em que, com vocês, beberei o vinho novo no reino do meu Pai'"*.

Mc 14,22-25: *"Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu a eles, e disse: 'Tomem, isto é o meu corpo'. Em seguida, tomou um cálice, agradeceu e deu a eles. E todos eles beberam. E Jesus lhes disse: 'Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é **derramado em favor de muitos**. Eu garanto a vocês: nunca mais beberei do fruto da videira, até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus'"*.

Lc 22,14-20: *"Quando chegou a hora, Jesus se pôs à mesa com os apóstolos. E disse: 'Desejei muito comer com vocês esta ceia pascal, antes de sofrer. Pois eu lhes digo: nunca mais a comerei, até que ela se realize no Reino de Deus'. Então Jesus pegou o cálice, agradeceu a Deus, e disse: 'Tomem isto, e repartam entre vocês; pois eu lhes digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus'. A seguir, Jesus tomou um pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles, dizendo: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. **Façam isto em memória de mim**'. Depois da ceia, Jesus fez o mesmo com o cálice, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança do meu sangue, que é **derramado por vocês**'"*.

Fato curioso é que João não fala absolutamente nada sobre essa distribuição de pão e vinho, considerando que ele também encontrava-se presente no evento; inclusive, se foi ele o discípulo a quem Jesus amava, certamente estaria a seu lado, pois é ele quem descreve com maior número de pormenores tal acontecimento.

Se compararmos Mateus e Marcos, cujas narrativas são bem semelhantes, veremos que, no primeiro, consta um acréscimo da expressão *"para remissão dos pecados"*, o que poderá ser muito bem uma interpolação para justificar a ideia do sangue com poder para remir os pecados, embora Jesus tenha dito *"a cada um segundo as suas obras"* (Mt 16,27). Interessante é que nenhum dos dois evangelistas falou em *"façam isto em memória de mim"*, expressão essa só escrita em Lucas. Aí é a questão de se perguntar: qual deles falou a verdade? Logo, devemos entender o ato de comer e beber constante dessa passagem como uma metáfora, sob pena de se aceitar a pregação de canibalismo. Se na eucaristia está presente o corpo e o sangue de Jesus, não há alternativa a não ser entender tal prática como um ato, mesmo que simbólico, de canibalismo; não é mesmo?

Mas o que devemos fazer, isto sim, é sair do nosso egoísmo para distribuir com os necessitados o pão nosso de cada dia. Entre fazer isso e comer o corpo e beber do sangue de Cristo, qual dos dois entendimentos está seguindo a orientação de *"amar ao próximo como a si mesmo"*?

Por outro lado, é necessário decidir qual das três situações devemos aceitar, no que se refere à nossa salvação, já que, simultaneamente, pregam estas três hipóteses...:

- a) que basta somente receber o perdão de Deus;
- b) que já fomos perdoados pelo derramamento do sangue de Jesus; ou

c) que seremos salvos pela simples condição de crer e de ser batizado (Mc 16,16).

Vejam os que Geza Vermes (1924- ) nos mostra, analisando essas palavras ditas por Jesus durante a ceia:

Quatro relatos da Última Ceia sobreviveram no Novo Testamento. Eles concordam entre si sobre vários pontos essenciais, mas **também ostentam variações substanciais**. Também é notável que o Evangelho de João não contenha qualquer relato da ceia de Páscoa compartilhada por Jesus e seus discípulos. Isto se deve sem dúvida ao fato de a prisão e crucificação de Jesus terem acontecido, segundo o Quarto Evangelho, um dia antes da festa, não podendo conseqüentemente ser questão de qualquer participação de Jesus numa ceia real de Páscoa. João especifica que os dignitários que entregaram Jesus a Pilatos recusaram-se a entrar em seu palácio, no pretório, a fim de permanecerem ritualmente puros "e poder comer a Páscoa" (ver João 18,28). **Há um consenso geral entre intérpretes do Novo Testamento de que a narrativa da Última Ceia, com a sua exiguidade de detalhes concretos, foi escrita acima de tudo para registrar o que desde o princípio a igreja primitiva compreendeu como a instituição de um ritual religioso significativo, a Eucaristia**. Queira ou não, essa visão eclesial afeta retrospectivamente o significado das palavras que presumidamente teriam vindo dos lábios de Jesus. (VERMES, 2006a, p. 344-345, grifo nosso).

O teólogo John Dominic Crossan (1934-), co-fundador do *The Seminar Jesus*, citado por José Pinheiro de Souza (1938-), parece-nos ainda mais enfático, conforme se pode ver nestes dois parágrafos:

**Por conseguinte, a Ceia Eucarística não pode ter sido instituída pelo Jesus Histórico**. O renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em seu livro *O Jesus Histórico*, argumenta que a Ceia Eucarística, interpretada literalmente, não é originária de Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399).

Mais precisamente, ele mostra que a Ceia Eucarística, como referida num dos livros mais antigos do cristianismo, o chamado *Didaqué* (ou "Instrução dos Doze Apóstolos"), escrito por volta do final do Século I de nossa era (mas descoberto somente no ano de 1883), nada tem a ver com os acréscimos posteriores católicos a respeito da Ceia Eucarística, supostamente instituída por Jesus, e sobre o suposto milagre da "transubstanciação". Na Ceia Eucarística descrita no livro *Didaqué* (capítulos 9 e 10), **"não há qualquer menção de uma refeição feita para comemorar a Páscoa, de uma última ceia, nem de alguma conexão com a morte de Jesus ou sua celebração"**. (CROSSAN, 1994, p. 400).

(SOUZA, 2011, p. 139, grifo do original).

Na passagem de Mateus, em nota de rodapé, os tradutores da Bíblia de Jerusalém nos explicam: "Estamos no meio da ceia pascal. É em gestos precisos e solenes do ritual judaico (ações de graças a Iahweh pronunciadas sobre o pão e sobre o vinho) que Jesus enxerta os ritos sacramentais do novo culto que instaura" (p. 1751). Apenas uma perguntinha: ou enxertaram usando o nome de Jesus? Além do mais, isso se deu no primeiro dia dos pães ázimos (Mt 26,17); portanto, é mesmo um ritual judaico realizado durante a celebração da Páscoa. Essa ceia, com a distribuição de pão e vinho, fazia mesmo parte dos rituais judeus, conforme explica Ernest Renan (1823-1892):

[...] Naquela refeição, assim como em muitas outras (48). Jesus praticou seu rito misterioso da divisão do pão. Como se acreditou, desde os primeiros anos da Igreja, que a refeição em questão tivesse acontecido no dia de Páscoa e tivesse sido o banquete pascal, naturalmente veio a ideia de que a instituição eucarística se fizera naquele momento supremo. Partindo da hipótese de que Jesus sabia antecipadamente com precisão quando morreria, os discípulos deveriam ter sido levados a supor que ele reservara para aquelas últimas horas uma enorme quantidade de atos importantes. Como, aliás, uma das ideias fundamentais dos primeiros cristãos era a de que a morte de Jesus fora um sacrifício, substituindo todos os da antiga Lei, a Ceia tornou-se o sacrifício por

excelência, o ato constitutivo da nova aliança, o sinal do sangue derramado para a salvação de todos (49). O pão e o vinho, relacionados à própria morte, foram, dessa forma, a imagem do Novo Testamento, que Jesus selara com seus sofrimentos, a comemoração do sacrifício do Cristo até a sua vinda (50).

Muito cedo esse mistério se fixou num pequeno relato sacramental, que possuímos em quatro versões (51) muito parecidas entre si. **O quarto evangelista, tão preocupado com ideias eucarísticas (52), que descreve a última ceia com tanta prolixidade, que liga a ela tantas circunstâncias e discursos(53), não conhece esse relato. Isso prova que não considerava a instituição da Eucaristia como uma particularidade da Ceia. Para o quarto evangelista, o rito da Ceia é a lavagem dos pés.**

(48) Luc., XXIV, 30-31, 35, representa a divisão do pão como um hábito de Jesus.

(49) Luc., XXII, 20.

(50) I Cor., XI, 26.

(51) Mat. XXVI, 26-28; Marc., XI, 22-24; Luc., XXII, 19-21; I Cor., XI, 23-25.

(52) Cap. VI.

(53) Cap. XIII-XVII.

(RENAN, 2004, p. 360-361, grifo nosso).

Seria interessante que aqui fôssemos ver essa passagem bíblica, citada por Renan, a primeira da lista acima, na qual ele disse ser, a divisão do pão, um hábito de Jesus, que, para um melhor entendimento, iremos começá-la num versículo anterior ao citado; então, leiamos-la:

*"Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus, dizendo: 'Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando'. Então **Jesus** entrou para ficar com eles. Sentou-se à mesa com os dois, **tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles**. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: 'Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?' Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: 'Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!' Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e **como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão**. (Lc 24, 28-35).*

Jesus, depois de ressuscitado, foi reconhecido pelos dois discípulos, que estavam se dirigindo a Emaús, exatamente pelo ato de partir o pão. Dessa forma, a conclusão de Renan é absolutamente correta, não sendo, portanto, o ritual de partir o pão e beber vinho a instituição da eucaristia, rito sacramental praticado em determinadas correntes religiosas.

Estranhamos que tal fato ainda venha a acontecer, pois a nós, da forma que é praticado, mais parece, voltamos a dizer, um ritual de canibalismo do que qualquer outra coisa. Povos primitivos acreditavam que, ao se comer o corpo de um guerreiro que haviam matado, a sua força e coragem, muito valorizadas por esses povos, passariam àquele que fizesse do guerreiro vencido o seu "prato do dia".

Qual será a razão para se justificar que os fiéis ainda "comam do corpo e bebam do sangue" de Jesus, que creem presentes na hóstia, após ser consagrada pelo sacerdote? Para nós é algo sem sentido, principalmente considerando que Jesus disse *"não é o que entra pela boca que torna o homem impuro,..."* (Mt 15,11); da mesma forma podemos entender que o que entra pela boca não torna o homem puro. Consequentemente podemos concluir que, mesmo que se coma algo sagrado (hóstia), ninguém tornar-se-á um ser purificado por isso.

Pesquisando outras fontes sobre o assunto, encontramos o autor Bart D. Ehrman (1955- ), considerado a maior autoridade sobre o Novo Testamento do mundo, dizendo:

[...] Em um de nossos mais antigos manuscritos gregos, assim como em vários testemunhos latinos, temos:

*E tomando o cálice, dando graças, ele disse: "Tomai-o, reparti-o entre vós, pois eu vos digo que não beberei do fruto da vinha a partir de agora, até que venha o reino de Deus". E tomando o pão, dando graças, ele o partiu e o deu*

*a eles, dizendo: "Isto é o meu corpo... Mas vede que a mão daquele que me trai está comigo nesta mesa" (Lucas 22,17-19).*

Contudo, na maioria de nossos manuscritos, **há um acréscimo ao texto**, que soará familiar a muitos leitores da Bíblia, visto **que se assentou nas traduções modernas**. Ali, depois que Jesus diz: "Isto é meu corpo", ele continua dizendo as palavras: "'Que foi dado por vós; fazei isto em memória de mim', e fez o mesmo com o cálice após a refeição, dizendo: 'Este cálice é a nova aliança em meu sangue derramado por vós'".

Estas são as palavras, muito familiares, da "instituição" da Ceia do Senhor, registradas também sob uma forma muito similar na primeira carta de Paulo aos Coríntios (1 Coríntios 11,23-25). **A despeito do fato de serem tão familiares, há boas razões para pensar que esses versículos não estavam no original do Evangelho de Lucas, mas que foram acrescentados para ressaltar que foram o corpo partido e o sangue derramado de Jesus que trouxeram a salvação "para vós". [...]**

Além do mais, não se pode deixar de notar que **os versículos, por mais familiares que sejam, não representam a própria compreensão que Lucas demonstra ter da morte de Jesus**. É uma característica surpreendentemente do retrato que Lucas faz da morte de Jesus – por mais estranho que isso seja à primeira vista – que **ele nunca, em nenhuma outra passagem, indica que a morte em si seja o que traz a salvação do pecado**. Em nenhum outro lugar de toda a obra em dois volumes de Lucas (Lucas e Atos dos Apóstolos), se diz que a morte de Jesus foi "por vós". De fato, nas duas ocasiões em que a fonte de Lucas (Marcos) indica que foi por meio da morte de Jesus que veio a salvação (Marcos 10,45; 15,39), Lucas *mudou* a disposição do texto (ou o eliminou). Em outros termos, Lucas tem uma compreensão diferente da forma com que a morte de Jesus conduz à salvação, diferente da de Marcos (da de Paulo e da de outros escritores cristãos antigos). (EHRMAN, 2006, p. 175-176, grifo nosso).

Assim, dentro da visão desse renomado autor, um dos textos a que se apegam para justificar a eucaristia não é outra coisa senão uma adulteração dos originais bíblicos. E, pelo visto, ele não está sozinho em sua tese. Vejamos também a opinião de David Flusser (1917-2000):

Jesus seguia a ordem essênica em suas refeições de festa e, em especial, na última ceia, ou seguia a ordem não-sectária: vinho e pão? Segundo Mateus e Marcos, Jesus primeiro abençoava o cálice e depois o pão, mas a situação em Lucas é diferente. "Chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com ele os apóstolos. E disse-lhes: Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa, antes de meu sofrimento. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus. E, tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que de agora em diante não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é meu corpo" (Lc 22:14-19). Aí termina o texto de Lucas, de acordo com o famoso Codex Bezae, a antiga tradução latina, e dois antigos manuscritos siríacos. **Todos os leitores atentos reconhecerão com facilidade que o que se segue em Lucas nos outros testemunhos é tirado de 1 Cor 11:23-26**, de modo que temos aqui a estranha situação de que no texto aceito aparecem dois cálices, um no começo e o outro no final. Tanto a Versão Padrão Revista como a Nova Bíblia Inglesa adotaram o ponto de vista correto, de que **Lc 22:19b-20 não fazia parte do texto original de Lucas**. Depois que Jesus disse do pão partido 'Isto é meu corpo' fazendo alusão a sua iminente morte violenta, ele continuou e tornou-se mais explícito, dizendo: "Todavia a mão do traidor está comigo à mesa" (Lc 22:21). (FLUSSER, 2000, p. 227, grifo nosso).

Confirma-se, portanto, que o texto de Lucas (Lc 22,19b-20) foi um acréscimo posterior.

Geza Vermes, citado mais acima, nos informou que são registrados no Novo Testamento quatro relatos da Última Ceia, já citamos e analisamos três deles – Mt 26,26-29; Mc 14,22-25 e Lc 22,14-20 –, falta-nos, portanto, o último, que será visto agora.

Apesar de aqui, neste estudo, aparecer cronologicamente posterior, na verdade, é o primeiro relato bíblico, escrito por volta do ano 57 d.C., enquanto, que os outros foram redigidos no período compreendido entre os anos de 65 a 80 d.C. <sup>(1)</sup> (BARRERA, 1999). Corroborando essa questão da primazia do relato de Paulo, argumenta Geza Vermes:

Há uma terceira ocorrência que, embora considerada pertencente à tradição oral pela maioria dos estudiosos, chama a minha atenção por sua peculiaridade. Relaciona-se ao **relato de Paulo sobre o estabelecimento da refeição eucarística**. Ele se queixou da divisão entre os membros da igreja de Corinto ao compartilharem da ceia do Senhor. **Em vez de partilharem uma refeição comunal, os ricos e os pobres usavam provisões próprias, e o resultado era que alguns ficavam com fome enquanto outros se embriagavam (1Cor 11:20-21)**. Eles deveriam partilhar, ordenava Paulo, o mesmo pão, simbolizando o corpo, e a mesma taça, simbolizando o sangue do Senhor, **fazendo-os contemplar a morte do Senhor até o seu retorno. A eucaristia de Paulo é basicamente um lembrete alegórico ou místico do fim violento de Jesus**. Todavia, ele não se estende tão chocantemente quanto João (ver acima p. 32, n. 7), e mesmo um pouco menos do que os Sinópticos (Mt 26:26-9; Mc 14:22-5; Lc 22:15-20), na identificação *real* do pão e do vinho com o corpo e o sangue a serem respectivamente, comida e bebida. Paulo tem sua própria maneira de relatar o acontecimento tanto em 1Cor 11 quanto em 1Cor 10:16-7. Ele ensina que o propósito da união ou comunhão mística com o corpo e o sangue de Cristo é aglutinar simbolicamente os muitos membros da igreja num todo único.

**É claro, é concebível que Paulo tenha reeditado a versão tradicional – embora nem nos Evangelhos Sinópticos haja dois relatos iguais da instituição da eucaristia – e que a última ceia de João nada tenha a ver com a eucaristia**. Mas parece-me que a fórmula introdutória de Paulo sugere que ele quisesse dizer algo original, e não apenas reproduzir a história tão amiúde repetida. Ao passar adiante a tradição da igreja e a ele transmitida por agentes anônimos, como a morte, o sepultamento, a ressurreição e as aparições posteriores de Jesus (1Cor 15:3-5), ele prefacia a sua declaração com “Transmiti-vos... aquilo que eu mesmo recebi” (1Cor 15:3). No caso da eucaristia, entretanto, está dito que a sua fonte é Jesus, implicando que lhe fora diretamente *revelada*. “Com efeito, eu mesmo recebi *do Senhor* o que vos transmiti” (1Cor 11:23). Se eu estiver certo na interpretação dessa passagem, isto quereria dizer que **a narrativa de Paulo separa-se da tradição registrada nos Evangelhos Sinópticos por volta de quinze a quarenta e cinco anos mais tarde, visto que a primeira Epístola aos coríntios foi escrita em c. 55 d.C.** Conseqüentemente, a redação de **Paulo pode ter sido a fonte primária da formulação no Novo Testamento do estabelecimento da eucaristia**. Em outras palavras, há grande chance de que a interpretação eucarística da refeição comunal da igreja seja devida a Paulo, e que os editores de Marcos, Mateus e especialmente de Lucas, que segue Paulo mais de perto, a tenham introduzido nas suas respectivas narrativas nos Evangelhos Sinópticos. (VERMES, 2006b, p. 86-87, grifo nosso).

Vejamos o teor relativo ao trecho da primeira carta de Paulo aos coríntios:

1Cor 11,17-26: *“Dito isso, não posso elogiar vocês, porque as suas assembleias, em vez de ajudá-los a progredir, os prejudicam. Antes de tudo, ouço dizer que, quando estão reunidos em assembleia, há divisões entre vocês. E, em parte, eu acredito nisso. É preciso mesmo que haja divisões entre vocês, a fim de que se veja quem dentre vocês resiste a essa prova. De fato, **quando se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor, porque cada um se apressa em comer a sua própria ceia**. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. Será que vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a Igreja de Deus e querem envergonhar aqueles que nada têm? O que vou dizer para vocês? Devo elogiá-los? Não! Nesse ponto não os elogio. De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês. **Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: 'Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim'**. Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice,*

1 **Marcos** (anos 65-70), **Mateus** (anos 70/80) e **Lucas** (anos 70/80) (BARRERA, 1999, p. 287-289)

**dizendo: 'Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; todas as vezes que vocês beberem dele, façam isso em memória de mim'. Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha".**

Você, caro leitor, deve ter observado que Ehrman e Flusser fizeram menção a esse passo, dando-o como sendo a origem do que consta em Lucas, exatamente, aquele que recomenda "Façam isto em memória de mim", destoando de Mateus e Marcos que nada falam disso.

O versículo final esclarece o objetivo da ceia: "**Portanto, todas as vezes que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, estão anunciando a morte do Senhor, até que ele venha**", o que difere, em muito, daquilo que Lucas disse.

Em James D. Tabor (1946- ), em *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, vamos encontrar outras explicações que são bem interessantes de se ver:

Ironicamente, os mais antigos relatos da última refeição na quarta-feira à noite vêm de Paulo, e não de qualquer dos evangelhos. Em uma carta a seus seguidores na cidade grega de Corinto, escrita por volta de 54 d.C., **Paulo passa adiante a tradição que dizia ter "recebido" de Jesus**: "Jesus, na noite em que foi traído, tomou um pão, e tendo dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isso em memória de mim: Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: 'Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim'" (1 Coríntios 11:23-25).

**Essas palavras, tão familiares aos cristãos como parte da Eucaristia da Missa, são repetidas com ligeiras variantes em Marcos, Mateus e Lucas.** Representam a síntese da fé cristã, o pilar do evangelho cristão: a humanidade está salva dos pecados pelo sacrifício do corpo e do sangue de Jesus. **Qual é a probabilidade histórica de que essa tradição baseada naquilo que Paulo disse ter "recebido" de Jesus represente o que Jesus disse durante a última ceia?** Tão surpreendente quanto possa parecer, **existem alguns problemas autênticos a considerar.**

**Em cada refeição judaica, o pão é partido, o vinho partilhado, e a bênção dada – mas a ideia de comermos carne humana e bebermos sangue, mesmo que simbolicamente, é de todo alheia ao judaísmo. A Torá proíbe especificamente a ingestão de sangue, não só para os israelitas, mas para todos.** A Noé e a seus descendentes, como representantes de toda a humanidade, já tinha sido proibido "ingerir sangue" (Gênesis 9:4). Moisés tinha prevenido, "se qualquer homem da Casa de Israel ou gentio, residente no meio deles, ingerir qualquer espécie de sangue, eu me voltarei contra esse que ingere sangue e eliminá-lo-ei de seu povo" (Levítico 17:10). Em outra ocasião, Tiago, o irmão de Jesus, refere-se a isto como uma "exigência", para que os não judeus pudessem juntar-se à comunidade nazarena – não ingerirão sangue (Atos 15:20). Essas restrições dizem respeito ao sangue de animais. **Ingerir carne e sangue humanos não era proibido, era simplesmente inconcebível.** Essa sensibilidade generalizada em relação à mera ideia de "beber sangue" mostra a improbabilidade de Jesus ter usado tais símbolos.

Como dissemos, a comunidade essênica, em Qumrã, descreveu, em um de seus manuscritos, um futuro "banquete messiânico", no qual o Messias Sacerdotal e o Messias da linhagem de Davi sentar-se-iam com os membros da comunidade crente e abençoariam a sagrada refeição de pão e vinho como a celebração do Reino de Deus. Teriam certamente ficado espantados com qualquer simbolismo sugestivo de que o pão fosse a carne humana, e o vinho, o sangue. (10) **Tal ideia simplesmente não poderia ter partido de Jesus como judeu.**

Portanto, qual a origem dessa linguagem? Se aparece primeiramente com Paulo, e ele não a recebeu de Jesus, então qual seria sua fonte? **As maiores semelhanças encontram-se em alguns ritos mágicos greco-romanos.** Existe um papiro grego que registra um encantamento amoroso, no qual um macho pronuncia certos feitiços sobre um cálice de vinho, que representa o sangue que o deus egípcio Osíris tinha dado à sua consorte Ísis para que ela o amasse. Quando sua amante bebe o vinho, ela simbolicamente se une a seu

amado pelo seu sangue. (11) Em outro texto, o vinho é transformado na carne de Osíris. (12) **Simbolicamente, comer a "carne" e beber o "vinho" era parte de um rito mágico de união na cultura greco-romana.**

**Devemos considerar que Paulo cresceu imbuído da cultura greco-romana**, na cidade de Tarso, na Ásia Menor, fora da terra de Israel. Ele nunca conheceu ou falou com Jesus. A relação que ele pretendeu com Jesus é "visionária", e não com um Jesus de carne e osso, caminhando na terra.

Quando os Doze se reuniram para substituir Judas, depois da morte de Jesus, colocaram como condição para fazer parte do grupo ter estado com Jesus desde o tempo de João Batista até a crucificação (Atos 1:21-22). Ter visões e ouvir vozes não eram qualificações suficientes para um apóstolo.

Em segundo lugar, e de forma ainda mais reveladora, **o evangelho de João narra os acontecimentos daquela última refeição na noite de quarta-feira, mas nunca se refere às palavras de Jesus instituindo essa nova cerimônia da Eucaristia.** Se Jesus, na realidade, iniciou a prática de comer o pão como sendo seu corpo, e beber o vinho como sendo seu sangue na sua "última ceia" como poderia João tê-la omitido? O que João escreve, segundo todas as indicações, é que Jesus sentou-se para participar de uma refeição judaica comum. Após a ceia, ele se levantou, pegou uma bacia de água e um pano, e começou a lavar os pés de seus discípulos, mostrando como o professor e mestre deveria agir como criado – mesmo para seus discípulos. Jesus começou, então, a descrever como iria ser traído, e João nos diz que Judas abruptamente abandonou a ceia.

**O evangelho de Marcos está muito próximo, em suas ideias teológicas, àquele de Paulo.** Parece possível que, em sua descrição da última ceia, feita uma década depois da de Paulo, **Marcos tenha inserido o tradicional "coma o meu corpo" e "beba o meu sangue" em seu evangelho, influenciado pelo que Paulo afirma ter recebido.** Tanto Mateus como Lucas baseiam inteiramente suas narrativas em Marcos, e Lucas é também um convicto defensor de Paulo. Tudo parece levar a Paulo. **Como veremos, não há qualquer prova de que os primeiros seguidores judeus de Jesus, conduzidos ao quartel-general em Jerusalém por Tiago, o irmão de Jesus, tenham alguma vez praticado qualquer rito dessa natureza.** Como todos os judeus, eles santificavam o vinho e o pão como parte de uma refeição sagrada, e provavelmente tinham presente a noite em que ele havia sido traído, lembrando-se da última refeição com Jesus.

Na realidade, para resolver essa questão, precisamos de uma fonte independente, cristã, que não tenha sido influenciada por Paulo, que possa esclarecer a prática original dos seguidores de Jesus. Felizmente, em 1873, esse texto foi encontrado em uma biblioteca em Constantinopla. É intitulado *Didache*, e data do início do século II d.C. (13) Fora mencionado pelos primeiros autores da igreja, mas desaparecera até ser descoberto acidentalmente por um sacerdote grego, o Padre Bryennios, em um arquivo de manuscritos antigos. *Didache* significa "Ensinaamentos", em grego, e seu título completo é "Os Ensinaamentos dos Doze Apóstolos". Trata-se de um antigo "manual de instruções", provavelmente escrito para ser utilizado por aspirantes ao batismo cristão. Contém muitas instruções e exortações éticas, mas também capítulos sobre o batismo e a Eucaristia – a sagrada refeição do pão e vinho. É aí que entra a surpresa. Ele oferece as seguintes bênçãos para o pão e o vinho:

No que se refere à Eucaristia, darás graças da seguinte forma.

Em primeiro lugar, quanto ao cálice: "Damos-vos graças, Pai nosso, pela santa vinha de Davi, vosso filho, que nos destes a conhecer através de Jesus, vosso filho. Para vós a glória eterna". E quanto ao pão: Damos-vos graças, Pai nosso, pela vida e sabedoria que nos comunicastes através de Jesus, vosso filho. Para vós, glória eterna. (14)

**Notem que não há menção ao vinho, representando o sangue, ou ao pão, representando a carne.** E, no entanto, é um registro da primeira refeição da Eucaristia cristã! Este texto nos faz lembrar muito das descrições da sagrada refeição messiânica nos Manuscritos do Mar Morto. O que temos aqui é a celebração messiânica de Jesus como o Messias da linhagem de Davi, e a vida e a sabedoria que ele trouxe à comunidade. Evidentemente, essa comunidade de seguidores de Jesus nada sabia da cerimônia proposta por Paulo. Se a prática de Paulo viera realmente de Jesus, seguramente esse texto tê-la-ia incluído.

Existe mais um ponto importante a esse respeito. Na tradição judaica, é o cálice de vinho que, primeiramente, é abençoado, depois o pão. Essa é a ordem que encontramos na *Didache*. Mas no relato de Paulo da "Ceia do Senhor", Jesus abençoa primeiro o pão, depois o cálice de vinho – justamente o oposto. Pode parecer um detalhe insignificante até examinarmos o relato de Lucas sobre as palavras de Jesus, durante a refeição. Embora ele siga basicamente a tradição de Paulo, ao contrário deste, Lucas fala primeiro no cálice de vinho, depois no pão e, em seguida, em outro cálice de vinho! O pão e o segundo cálice de vinho ele interpreta como o "corpo" e o "sangue" de Jesus. Mas quanto ao primeiro cálice – na ordem que se esperaria da tradição judaica – nada é dito que represente "sangue". Ao contrário, Jesus diz, "Eu vos digo, doravante não beberei da fruta da videira até a chegada do Reino de Deus" (Lucas 22:18). Essa tradição do primeiro cálice, só encontrada em Lucas, é uma pista do que deveria ter sido a tradição original antes de a versão Paulina ter sido inserida, agora confirmada pela *Didache*.

Vista sob essa luz, essa última refeição tem sentido histórico. Jesus disse a seus seguidores mais próximos, reunidos secretamente na Sala do Andar Superior, que ele não partilharia com eles outra refeição até a chegada do Reino de Deus. Ele sabe que Judas iniciará, naquela noite, os procedimentos que culminarão com sua prisão. Suas esperança e prece são de que, da próxima vez em que estiverem sentados juntos para comer, dando a tradicional bênção judaica do vinho e do pão – o Reino de Deus já tenha chegado.

Uma vez que Jesus se reuniu só com seu Conselho dos Doze, nessa última refeição privada, Tiago e os três outros irmãos de Jesus teriam estado presentes. Isso foi confirmado em um texto perdido chamado Evangelho dos Hebreus, que era usado por judeus-cristãos que rejeitavam os ensinamentos e a autoridade de Paulo. Sobrevive apenas em algumas citações, preservadas por autores cristãos, como Jerônimo. Uma das passagens nos diz que Tiago, o irmão de Jesus, depois de ter bebido do cálice que Jesus fizera circular, afiançou que também ele não comeria ou beberia até ver o Reino chegar." Portanto, temos aqui a prova textual de uma tradição que recorda a presença de Tiago na última refeição.

(10) Manuscritos do Mar Morto, *The Messianic Rule* (1QSa) 2.11-25.

(11) *The Demotic Magical Papyrus of London and Leiden* 15.1-6, em *The Greek Magical Papyri in Translation, including the Demotic Spells*, ed. Hans Dieter Betz (Chicago: University of Chicago Press, 1968).

(12) *Papyri graecae magicae* 7.643ff.

(13) *Didache* é pronunciado como *did-a-quei*.

(14) *Didache* 9:1-3, em Bart Ehrman, trad. *The Apostolic Fathers*, Loeb Classical Library 24, vol. 1 (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003), p. 431.

(TABOR, 2006, p. 215-219, grifo nosso).

Realmente, a questão de comer carne e beber sangue para um judeu era algo impensável; por isso, Jesus, que nasceu, viveu e morreu como judeu, jamais teria dito isso.

É bem possível que essa linguagem de Paulo, foi proposital para os gentios (=pagãos), que, certamente, estavam acostumados esse tipo de coisa. Em José de Souza Pinheiro (1938- ), encontramos apoio a essa hipótese:

Como nos esclarece o teólogo Franz GRIESE (cf. GRIESE, p. 174-175), **no tempo de Paulo, os pagãos e os judeus costumavam sacrificar animais aos respectivos deuses**. A carne desses animais sacrificados era consumida nos mercados públicos, na qualidade de carne de Júpiter (o Senhor dos deuses), carne de Minerva (deusa da sabedoria) etc., segundo as divindades a quem haviam sido sacrificados os animais. **Os consumidores escolhiam a carne que mais lhes convinha, crendo que comendo essa carne recebiam uma bênção especial da divindade respectiva, e até entrar em certa união com ela, mediante aquela carne**.

É da maior importância ter presente essas crenças da antiguidade, para compreender o sentido das palavras nos escritos daqueles que viviam naquela época e estavam imbuídos de suas ideias.

Pois bem, **o apóstolo Paulo, para induzir os novos cristãos, oriundos dos povos pagãos, a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa**

**prática, substituindo-a pela "Ceia do Senhor"**, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos "demônios", ou seja, dos "deuses pagãos", do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do "Cristo da fé" (cf. GRIESE, p. 175).

Mas, como afirma Griese (ibid.), não há a menor dúvida de que Paulo não acreditava numa participação literal da própria pessoa dos deuses pagãos, mediante a carne dos ídolos e, portanto, tampouco na participação literal da verdadeira pessoa de Cristo, mediante o pão e o vinho eucarísticos.

Os coríntios (como Paulo) também tinham um conceito simbólico muito simples da eucaristia e, certamente, não tinham a convicção de que o pão seria o verdadeiro corpo e o vinho o verdadeiro sangue de Cristo. Eles apenas acreditavam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho, participavam do Cristo da fé, do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam simbolicamente dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179). (SOUZA, 2011, p. 134, grifo nosso).

Recorreremos agora a Edward Carpenter (1844-1929) que nos traz algo bem curioso a respeito da palavra eucaristia:

**Eu já falei sobre várias das principais doutrinas do Cristianismo – ou seja, do pecado, do sacrifício, da Eucaristia, do Salvador, do Renascimento e da transfiguração – mostrando que eles não são únicos em nossa religião, mas sim comuns a quase todas as religiões do mundo antigo.** A lista pode ser muito aumentada, mas não há necessidade de nos atermos a um assunto que, de modo geral, já foi compreendido. Dedicarei, no entanto, uma ou duas páginas para um exemplo, que eu julgo muito interessante e cheio de sugestão profunda.

[...].

E, ainda, o fato extraordinário é que uma crença parecida existe em todas as religiões antigas e pode nos remeter ao passado. **A palavra *hóstia***, que é usada na missa católica para representar o pão e o vinho no altar, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, **vem do latim *Hóstia*, que no dicionário significa "um animal morto em sacrifício, uma oferta para compensar um pecado"**. Isso nos leva de volta ao estágio do totem, quando toda a tribo, como eu já expliquei, coroava um touro, um urso ou um outro animal com flores e prestavam-lhe honras com comida e adoração, sacrificavam a vítima para o espírito do totem da tribo e o comiam em uma festa eucarística – e o curandeiro ou sacerdote que dirigia o ritual vestia a pele desse animal como um sinal de que ele representava o totem –, divindade, participando do sacrifício de "si mesmo para si mesmo". Isso nos faz lembrar dos khonds em Bengal sacrificando seus meriahs coroados e enfeitados como deuses e deusas; dos astecas fazendo o mesmo; dos quetzalcoatl furando seus cotovelos e dedos para tirar sangue, oferecido em seu próprio altar; ou de Odin sendo pendurado, por vontade própria, em uma árvore. "Sei que fui pendurado em uma árvore que foi balançada pelo vento por nove longas noites. Uma lança atravessou meu corpo, fui levado a Odin, eu para mim". E assim por diante. Os exemplos são infinitos. "Sou a oblação". diz Krishna no Bhagavad Gita (22). "Sou o sacrifício, a oferta aos ancestrais". "No real conceito ortodoxo de sacrifício", diz Elie Reclus (23). "a oferta consagrada, seja ela um homem, uma mulher ou uma virgem, um carneiro ou novilha, galo ou pombo, representa a *divindade*...

(22) Cap. IX, V. 16.

(23) *Primitive Folk*, cap. VI.

(CARPENTER, 2008, p. 90-91, grifo nosso).

Então, no fundo, temos que a eucaristia nada mais é que um ritual de origem pagã.

É inacreditável que ainda se adotem, nos dias atuais, práticas religiosas tidas "como bíblicas", quando, na verdade, são, em sua esmagadora maioria, atos pagãos, para usar uma expressão ao gosto dos teólogos. É o caso que estamos analisando, que é corroborado por Holger Kersten (1952- ) e Elmar R. Gruber (1955- ), que, narrando o culto persa a Mitra, dizem: "O serviço religioso semanal era realizado aos domingos, dia dedicado ao deus. A cerimônia mais importante do culto era **uma ceia que constava de vinho e pão –**

**oferecido na forma de hóstias consagradas que tinham o sinal da cruz".** (KERSTEN e GRUBER, p. 316, grifo nosso).

Curiosa é a frase a seguir, atribuída a Mitra, que nos coloca diante de um fato, em relação ao qual qualquer semelhança não é mera coincidência: "Aquele que não comer minha carne e não beber meu sangue para ser um comigo, e eu um com ele, aquele não conhecerá a salvação". (FREKE e GANDY, 2002, p. 11 e 52). Será que com a realização desses dois atos, simultaneamente, não teremos exatamente o que se faz no ritual da santa missa?

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Mai/2006.  
(revisado nov/2011).

### **Referências bibliográficas:**

- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 1990.  
Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.  
BARRERA, Júlio Treballe. *A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.  
CARPENTER, E. *Religiões pagãs e cristãs: origens e significados*. São Paulo: Tahyu, 2008.  
EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*, São Paulo: Prestígio, 2006.  
FLUSSER, D. *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*, vol. 1, Rio de Janeiro: Imago, 2000.  
FREKE, T. e GANDY, P. *Os mistérios de Jesus – seria o Jesus original um deus pagão?* Mem Martins, Portugal: Europa América, 2002.  
KERSTEN, H. e GRUBER, E. R. *O Buda Jesus – as fontes budistas do cristianismo*, São Paulo: Best Seller, s/d.  
RENAN, E. *A vida de Jesus*, São Paulo: Martin Claret, 2004.  
SOUZA, J. P. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.  
TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.  
VERMES, G. *O Autêntico Evangelho de Jesus*, Rio de Janeiro: Record, 2006a.  
VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006b.